

FONTE : tarde

CLASS. : 03

DATA : 31 08 87

PG. : 2

### Queimadas. E a Amazônia sofre.

Há mais de uma semana, o pulmão verde do Brasil está envolvido por "uma espécie de névoa seca, escura e densa". A cena, na Amazônia, é no mínimo surrealista: os dias só amanhecem após as 10 horas. A fumaça invade as casas. O céu é permanentemente cinza, avermelhando-se durante o pôr-do-sol. Tanto o transporte aéreo quanto o terrestre estão prejudicados por falta de visibilidade. E já são registrados casos de crianças com problemas respiratórios. É tempo de seca na Amazônia e, como todos os anos, época de grandes queimadas. Desta vez, porém, a população mostra-se preocupada. Garantem que a situação nunca esteve tão "preta". E fazem uma queixa: as queimadas estão avançando indiscriminadamente e o governo não faz nada para controlar a situação.

Alguns dos principais aeroportos da região — Rio Branco e Cruzeiro do Sul, no Acre; Porto Velho, em Rondônia; e Cuiabá; Mato Grosso — estiveram parcialmente interditados do dia 23 até ontem. Nos dois primeiros houve uma pequena melhora após as fortes chuvas que caíram na sexta-feira. Em Cuiabá, no entanto, a situação continua, literalmente, "preta". Ali, os aviões estão levantando vôo com pelo menos três horas de atraso, e já se estima um prejuízo de mais de um milhão de cruzados.

— A fumaça está tomando conta de tudo. É fumaça que vem das grandes queimadas que estão sendo feitas na região — conta um funcionário do aeroporto de Cuiabá. Segundo ele, a névoa permanece durante todo o dia, começando a dissipar-se somente por volta da meia-noite. "Mas logo de madrugada começa tudo de novo", diz. Ainda esta semana, ele viajou até Rondonópolis (a 200 quilômetros de Cuiabá) e, assustado, constatou: "Estão queimando tudo. Se continuar assim, daqui a cinco anos não restará nenhum tipo de floresta".

Roberto Soares, supervisor do aeroporto Presidente Médici, em Rio Branco, explica que durante toda a semana passada o aeroporto operou somente após as 17 horas. O ponto crítico, porém, foi no domingo, dia 23, quando não decolou nem pousou nenhum avião. E essa situação permaneceu até a tarde de segunda-feira. "Imagine que, só da Vasp ficaram retidos 150 passageiros. E como a cidade não tem infra-estrutura para acomodar tanta gente, ficou todo mundo dormindo em hotéis, motéis, pousadas. Onde tivesse um canto", conta. De acordo com seus cálculos, o prejuízo por isso gira em torno dos Cz\$ 300 mil diários.

Todos os anos, nesse período, situações semelhantes se repetem. É o verão amazônico. Por ser tempo de estiagem, os agricultores aproveitam para preparar a terra para a plantação, fazendo grandes queimadas. Desta vez, porém, tudo indica que a situação passou dos limites. Segundo Roberto Soares, em outros anos os aeroportos ficavam fechados até as oito da manhã, mas em seguida voltava a visibilidade. "Agora, a fumaça preta mantém-se por dias. Está atingindo até municípios vizinhos, e isto é fora do comum", afirma, acrescentando que de manhã, ao abrir a porta de casa, a névoa espalha-se por todos os lados. "E nos pronto-socorros daqui está aumentando o registro de crianças internadas com problemas pulmonares", garante.

Para ele, tudo ocorre porque vem aumentando o número de queimadas — não só para preparar a terra mas também para desmatar e dar lugar a loteamentos e estradas. "São toras enormes pegando fogo. A diferença este ano são as grandes derrubadas. O curioso é que o superintendente do

IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), Grijalva Zuza, diz que não vê queimada nenhuma", ironiza Roberto Soares.

— Nós acreditamos que estão exagerando nas queimadas. E que há também muito desmatamento clandestino. A coisa está virando festa. Estão acabando com nosso solo. E o pior é que o governo federal proíbe os desmatamentos. Só que não toma nenhuma posição. É preciso fazer alguma coisa imediatamente — sugere um funcionário do aeroporto de Porto Velho, não conseguindo tranquilizar-se nem com as chuvas que caíram na sexta-feira. É que, de acordo com o serviço meteorológico da FAB, em setembro será pior: menos chuva, menos vento. "Há gente contando que há extensões de florestas queimando por 40 ou 50 quilômetros. Até o transporte terrestre está prejudicado", lamenta.

Em Porto Velho, ontem, não houve movimento no aeroporto — cinco aviões, com uma média de cem passageiros cada um e dois cargueiros, que deveriam sair diariamente. "Só de almoço e hospedagem são pelo menos Cz\$ 1 mil e 500 por passageiro, todo dia. Isso quem paga são as empresas aéreas. E o prejuízo de nossas árvores é solo, quem paga?", pergunta o funcionário, preferindo não se identificar.

#### Problema antigo

Em 1976, os cientistas da Nasa, a agência espacial norte-americana, assustaram-se quando o satélite Skylab fotografou um grande incêndio na Amazônia. De posse da imagem, o então diretor do Inpa — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia —, Warwick Kerr, denunciou na ocasião que aquele incêndio fora ateado pela Volkswagen em sua fazenda — a Vale do Rio Cristalino — no município de Santana do Araguaia, no Pará.

A denúncia chocou a opinião pública e o IBDF ameaçou aplicar contra a Volkswagen a maior multa por dano ecológico da história do País. Mas, após uma intensa polêmica, houve um acordo mediador, a partir da constatação de que o desmatamento atingia, na verdade, apenas um por cento da área anunciada pelo diretor do Inpa. Mesmo assim, o desmatamento — que poderia ultrapassar dez mil hectares — praticado num só ano, com a utilização de fogo, era grande o suficiente para ser registrado por um satélite a várias centenas de quilômetros da terra e espantar os interpretadores americanos.

A região onde a Volks implantava sua fazenda de 140 mil hectares (já vendida) é uma das que sofrem mais intensamente a derrubada de árvores. Até 1979, segundo um levantamento realizado pelo IBDF e a Sudam, também com base em imagens de satélite, o desmatamento nos 50 milhões de hectares que constituem o Sul e Sudoeste do Pará havia atingido 7% da área. Mas três anos depois, ele já duplicara para 15%, por causa da implantação de fazendas (quase cem delas com incentivos fiscais da própria Sudam) e da extração de madeira, por dezenas de serrarias, que não fazem o replantio. A taxa de incremento das derrubadas é de 50% ao ano.

Desde então, o problema se agravou, e ficará mais crítico ainda porque, além de fazendas, serrarias e roças, já está surgindo um novo agente de desmatamento: as usinas siderúrgicas, que precisam de carvão vegetal. Há 12 projetos para a instalação de usinas de ferro-gusa ao longo da ferrovia de Carajás. Várias delas são vizinhas de florestas densas, como os castanhais de Marabá, que registram a maior concentração de castanheiras da Amazônia.